

Entre a gramática de construções e a semântica lexical: em busca de uma explicação cognitivista para a distribuição dos verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar” no português brasileiro

Between construction grammar and lexical semantics: the case for a cognitive linguistics approach to three verbs of appearance of Brazilian Portuguese

Diogo PINHEIRO¹
Lilian FERRARI²

RESUMO: Alguns autores têm sugerido que a Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995; 2006) se depara frequentemente com dificuldades para descartar sentenças mal-formadas, permitindo assim a ocorrência indevida de supergeneralizações (BOAS, 2003; PEREK, 2015). Ao mesmo tempo, tem-se argumentado que essa dificuldade decorre de uma relativa negligência à semântica lexical (NEMOTO, 2005; IWATA, 2005; 2008). A fim de apontar um caminho para a solução dessa dificuldade, o artigo se debruça sobre um problema descritivo específico: a distribuição sintática dos verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar” no português brasileiro. Especificamente, propomos um tratamento sistemático do significado desses verbos à luz da semântica cognitiva langackeriana (LANGACKER, 1987; 1991; 2008; 2009), buscando mostrar de que maneira esse tipo de investigação ajuda a explicar seu comportamento distribucional. Após mapear as possibilidades de instanciação dos três predicadores investigados em três construções de estrutura argumental distintas, argumentamos que uma atenção mais detida ao significado verbal permite desvelar propriedades semânticas capazes de explicar restrições distribucionais aparentemente arbitrárias.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de Construções. Semântica Lexical. *Aparecer. Surgir. Chegar.*

ABSTRACT: It has been argued that Cognitive Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; 2006) struggles to rule out ill-formed sentences, therefore allowing for overgeneralizations to occur (BOAS, 2003; PEREK, 2015). It has also been suggested that this problem is mainly due to a relative neglect of lexical semantics (NEMOTO, 2005; IWATA, 2005; 2008). In this paper, this point is made by highlighting the apparently arbitrary distribution of three Brazilian Portuguese verbs of appearance: *aparecer* ('to appear'), *surgir* ('to appear', 'to pop up') and *chegar* ('to arrive'). Drawing on Langacker's (1987; 1991; 2008; 2009) cognitive grammar, we seek to

¹ UFRJ. Faculdade de Letras. Departamento de Linguística e Filologia. Programa de Pós-graduação em Linguística. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP: 22260-090. Email: diogopinheiro@letras.ufrj.br

² UFRJ/CNPq. Faculdade de Letras. Departamento de Linguística e Filologia. Programa de Pós-graduação em Linguística. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP: 22790-400. Email: lilianferrari@uol.com.br

demonstrate that detailed analysis of verbal semantics goes a long way into motivating the apparently arbitrary distribution of the three verbs at stake.

KEYWORDS: Construction Grammar. Lexical semantics. *Aparecer* ('to appear'). *Surgir* ('to appear', 'to pop up'). *Chegar* ('to arrive').

Palavras iniciais

Surgido no início da década de 1990, o modelo teórico conhecido como Gramática de Construções Cognitivista (GOLDBERG, 1995; 2005; 2006) se tornou célebre, sobretudo, pelo seu tratamento inovador da estrutura argumental. Historicamente, a marca registrada do modelo é a ideia de que arranjos argumentais abstratos exibem uma semântica inerente, em larga medida independente dos verbos que as instanciam. Esse insight dá à luz a noção de Construção de Estrutura Argumental (CEA), entendida como um esquema sintático desencarnado (isto é, sem preenchimento lexical) que se associa diretamente a uma especificação semântica própria.

Um dos argumentos cruciais em favor desse tipo de abordagem advém da observação de que um mesmo verbo pode figurar em um amplo leque de contextos sintáticos – e, com frequência, é criativamente estendido para contextos inéditos. O raciocínio aqui é bastante simples: como um verbo poderia projetar uma estrutura sintática que não estava originalmente prevista em suas propriedades argumentais? Exemplos desse tipo de situação são abundantes na literatura:

- | | |
|--|------------------------|
| (1) He sneezed the napkin off the table. | (GOLDBERG, 1995, p. 9) |
| (2) He stared her into immobility. | (PEREK, 2015, p. 2) |
| (3) Well, I laughed myself silly. | (BOAS, 2013, p. 5) |

15

Em (1) a (3), cada uma das sentenças exhibe argumentos não previstos na estrutura argumental do seu verbo respectivo: “sneeze” não prevê um argumento interno (e não expressa um evento de mudança de lugar), “stare” prevê apenas dois argumentos (e não expressa mudança de estado) e “laugh” é um verbo monoargumental inergativo (que tampouco expressa mudança de estado). A solução proposta pela GC consiste em assumir a existência de CEAs abstratas: assim, (1) manifestaria uma Construção de Movimento Causado, formada por três argumentos (dois NPs e um PP), e (2) e (3) manifestariam uma Construção Resultativa, igualmente triargumental (embora o terceiro argumento possa ser, alternativamente, um PP ou um AP). Sob essa ótica, os argumentos “adicionais” presentes em (1) a (3) contam como argumentos da construção abstrata, mas não dos predicadores “sneeze”, “stare” e “laugh”.

Embora a solução seja engenhosa, o modelo não tem ficado imune a críticas. A mais recorrente delas diz respeito à dificuldade que a Gramática de Construções Cognitiva (GCC) enfrenta para evitar supergeneralizações (BOAS, 2003; NEMOTO, 2005; IWATA, 2005; 2008; PEREK, 2015), como mostram os exemplos abaixo:

- | | |
|--|----------------------|
| (4) *Kelly broke the dishes off the table. | (BOAS, 2003, p. 75) |
| (5) *They insulted John out of the room. | (BOAS, 2003, p. 126) |
| (6) *Dawn played her videogame broken. | (BOAS, 2003, p. 2) |

A sentença em (4) ilustra essa dificuldade: se existe uma CEA de Movimento Causado subjacente a sentenças como (1), por que ela não licencia um uso como (4), com o sentido de “Kelly quebrou a louça e, como resultado, essa louça se deslocou para fora da mesa”? O mesmo raciocínio se aplica a (5) e (6): por que a Construção Resultativa não licencia, respectivamente, as leituras “Eles insultaram John, o que o levou a deixar o quarto” e “Dawn jogou videogame a ponto de quebrá-lo”? Note-se que tais leituras não seriam fundamentalmente diferentes do que se vê nas sentenças bem-formadas (2) e (3).

Parece haver na literatura o consenso de que esse tipo de dificuldade deriva da negligência da GCC em relação à semântica lexical: ao defender de forma contundente uma abordagem não-projecionista da sintaxe, o modelo desloca o foco de atenção dos predicadores verbais para as construções abstratas. O resultado desse movimento é um tratamento excessivamente sumário e simplificado da semântica verbal, às vezes representada “simplesmente como uma lista de papéis participantes” (IWATA, 2005, p. 107). É por essa razão que diversos autores têm advogado em favor de um tratamento mais detalhado, e mais sofisticado, do significado verbal (BOAS, 2003; NEMOTO, 2005; IWATA, 2005; 2008; PEREK, 2015). A aposta, portanto, é a de que um tratamento desse tipo permite explicar fatos distribucionais aparentemente arbitrários, como o que se observa no contraste entre (1) a (3), de um lado, e (4) a (6), de outro.

Neste artigo, buscamos desenvolver e aplicar essa ideia a um problema descritivo específico da gramática do português brasileiro: a distribuição dos verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar”. A natureza do problema pode ser apreciada por meio dos exemplos abaixo:

- (7) Meu pai apareceu / surgiu / chegou lá em casa.
- (8) a. A sua tatuagem está aparecendo.
- b. *A sua tatuagem está surgindo / chegando.

16

Esses exemplos sugerem que “aparecer”, “surgir” e “chegar” são intercambiáveis em alguns contextos, conforme se vê em (7), mas não em todos, como mostra (8). Este é um dilema distribucional análogo ao que foi visto nos exemplos (1) a (6): poderíamos nos perguntar, por exemplo, por que “sneeze”, mas não “break”, é admitido na Construção de Movimento Causado. Aqui, a pergunta pode ser formulada nos seguintes termos: por que a CEA subjacente a (8) licencia “aparecer” ao mesmo tempo em que bloqueia verbos semanticamente próximos, como “surgir” e “chegar”?

Na esteira dos autores citados acima, defenderemos que a resposta a essa pergunta demanda um tratamento minucioso da semântica verbal. Para isso, recorreremos aqui ao instrumental analítico da Gramática Cognitiva langackeriana (LANGACKER, 1987; 1991; 2008; 2009). Justifica essa escolha o fato de que o modelo langackeriano se singulariza, na seara das abordagens construcionistas, precisamente pela centralidade atribuída aos fatores semântico-conceituais na descrição gramatical (BROCCIAS, 2013). Do ponto de vista metodológico, a maior parte dos dados discutidos é inventada³; nos casos de exemplos extraídos de corpora, esse fato é explicitamente observado em nota de rodapé.

³ Isso acontece em função da necessidade de recorrer a dados negativos para fundamentar a argumentação, conforme observado na seção 3.2.2.2. Certamente, uma investigação sistemática dos mesmos fenômenos a partir de ocorrências reais é bem-vinda e se constitui como um desenvolvimento natural da pesquisa.

O artigo está organizado como segue. Na próxima seção, apresentamos mais detidamente o problema descritivo de que o trabalho se ocupa, mapeando o pequeno quebra-cabeça gramatical envolvido na distribuição dos verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar”. Nas duas seções subsequentes, que constituem o cerne do trabalho, desenvolvemos a descrição da semântica dos verbos em pauta e delineamos uma proposta de solução para o problema distribucional sobre o qual nos debruçamos. Por fim, as considerações finais reforçam as implicações teóricas do estudo.

Detalhando o problema

Conforme já antecipamos, o problema descritivo que motiva este estudo pode ser formulado nos seguintes termos: por que os verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar” são intercambiáveis em alguns contextos, mas não em outros? Ou ainda: como explicar as possibilidades e restrições distribucionais de cada um desses predicadores?

Na GCC, esse tipo de dilema distribucional é enquadrado como um problema ligado à *interação entre item concreto e construção gramatical abstrata* (IWATA, 2005; NEMOTO, 2005; GOLDBERG, 1995; 2006). A ideia básica é a de que um verbo é licenciado em uma construção quando é semanticamente compatível com ela, e bloqueado quando há incompatibilidade. No que respeita aos verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar”, os exemplos abaixo sugerem que eles apresentam diferenças distribucionais quanto às possibilidades de instanciação em pelo menos três construções: a Construção Locativa (CL), a Construção Existencial (CE) e a Construção Copulativa Atributiva (CCA). Vejamos:

- (9) a. Meu pai apareceu lá em casa.
b. Meu pai surgiu lá em casa.
c. Meu pai chegou lá em casa.
- (10) a. A Internet apareceu na década de 70.
b. A Internet surgiu na década de 70.
c. ? A Internet chegou na década de 70.
- (11) a. A sua tatuagem está aparecendo.
b. *A sua tatuagem está surgindo
c. *A sua tatuagem está chegando

Os exemplos em (9) são instâncias da CL, um padrão biargumental formado por um sujeito tema⁴ e um oblíquo locativo. A existência dessa construção, em diferentes línguas, já foi postulada, entre outros, por Heine (1997), Pinheiro (2006) e Langacker (2009)⁵. Essencialmente, trata-se de um padrão simbólico que predica sobre a locação de uma entidade (o referente do sujeito) em um local (representado pelo argumento oblíquo). Como se vê, os três verbos sob análise neste trabalho são licenciados na CL, um padrão sintático-semântico que também subjaz a sentenças como “A TV está no quarto” ou “A roupa cabe na mala”.

⁴ Mais adiante, substituiremos o rótulo “tema” pelo termo mais específico “Entidade Locada”.

⁵ Apenas os dois últimos, no entanto, recorrem ao rótulo “Construção Locativa”. Heine (1997) fala em “existência estendida”, que contrasta com a “existência nuclear” (ex.: Papai Noel existe).

Os exemplos em (10) são manifestações de uma construção distinta: a CE. Diferentemente da CL, a CE se constitui como um esquema monoargumental (já que prevê apenas o *slot* do sujeito) que contém uma “especificação locativa generalizada [...] maximamente esquemática” (LANGACKER, 2009, p. 98). Por não incluir um argumento oblíquo, ela não delimita o “domínio de busca” do referente do sujeito (LANGACKER, 2009); como resultado, não predica sobre a localização desse referente, mas sobre seu estatuto de realidade (PINHEIRO, 2006).

Sob a ótica da GC, é razoável assumir que, assim como (10a) e (10b), também instanciam a CE sentenças com “existir”, como “Político honesto existe”. A diferença semântica que se observa entre elas decorre, assim, dos itens lexicais específicos que as instanciam. Desse modo, se instanciações com “existir” indicam que o referente do sujeito pode ser encontrado em um lugar inespecífico (como defende Langacker (2009)), as instanciações com “aparecer” e “surgir”, como (10a) e (10b), acrescentam um componente incoativo, sugerindo que o referente do sujeito iniciou um novo estado (isto é, passou a poder ser encontrado em algum lugar inespecífico).

Como se vê em (10), dentre os verbos aqui investigados, apenas “aparecer” e “surgir” parecem compatíveis com a CE. Em outras palavras, se “aparecer”, “surgir” e “chegar” são intercambiáveis no contexto da CL, o mesmo não se pode dizer em relação à CE, padrão no qual este último verbo não é licenciado⁶.

Por fim, os exemplos de (11) são tomados aqui como diferentes manifestações (uma bem-formada e duas mal-formadas) da CCA. Esse padrão, que também subjaz a sentenças como “A sua tatuagem está visível” e “O dia está bonito”, caracteriza-se pela presença de um sujeito e um predicativo (do ponto de vista formal) e pela ideia de atribuição de uma propriedade a uma entidade (do ponto de vista semântico)⁷. A assunção de que essa construção subjaz a (11) ajuda a distinguir uma sentença como (11a) de outra como (12), abaixo:

(12) A verdade está aparecendo.

Se, em (12), a forma “aparecendo” designa um processo em andamento (como ocorre tipicamente com formas gerundiais no português), em (11a) ela designa o estado resultante de um processo (o estado de visibilidade). Ao postularmos que (11a) e (12) instanciam construções distintas (respectivamente, uma CCA e, digamos, uma Construção Perifrástica Processual), conseguimos explicar a diferença semântica entre esses dois usos da forma “aparecendo”: basta atribuir a diferença semântica à própria construção abstrata, como é de praxe em GC (GOLDBERG, 1995; 2006), assumindo que os valores estativo e processual estão convencionalmente associados ao próprio esquema construcional desencarnado.

Interessantemente, porém, as formas gerundiais “surgindo” e “chegando” não podem ser coagidas a contrair o valor de estado resultante, como se vê em (11b) e (11c). Com isso, nem o verbo “surgir” nem o verbo “chegar” são licenciados no slot adjetival da CCA.

⁶ Isso não significa que a sentença (10c) seja impossível; o que ocorre é que sua interpretação parece envolver sempre a ideia de movimento (neste caso, metafórico). Isso quer dizer, em outras palavras, que (10c) é mal-formada *em relação à interpretação existencial* (embora seja bem-formada para interpretação de movimento). Esse ponto será retomado na seção 4, que faz a transição da semântica lexical para a Gramática de Construções.

⁷ Indo um pouco mais além, pode-se pensar, à luz da tradição cognitivista, que essa atribuição remonta, metaforicamente, à cena de locação de uma entidade em um lugar, nos termos da metáfora estados são lugares (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Tudo somado, o panorama é o seguinte: considerando-se os três verbos (“aparecer”, “surgir” e “chegar”) e as três construções abstratas (CL, CE e CCA) aqui consideradas, temos que o primeiro verbo pode instanciar os três padrões, o segundo é bloqueado apenas na CCA e o terceiro é bloqueado tanto na CCA quanto na CE. O quadro abaixo resume essa situação:

	CL	CE	CCA
Aparecer	X	X	X
Surgir	X	X	
Chegar	X		

Quadro 1: possibilidades de instanciação de “aparecer”, “surgir” e “chegar” nas construções locativa, existencial e copulativa atributiva

Por que o verbo “chegar” pode assumir uma interpretação locativa, mas não existencial, diferentemente de “aparecer” e “surgir”, que admitem ambas as interpretações? Por que “aparecer”, mas não “surgir” e “chegar”, pode assumir valor de estado resultante e, com isso, ser admitido na CCA? Como, afinal, explicar as possibilidades e restrições distribucionais sintetizadas pelo quadro acima?

Como já antecipamos, sugerimos que a resposta a essa pergunta exige uma análise detida da semântica verbal. É disso que se ocupa a próxima seção.

Semântica lexical: uma análise langackeriana de “chegar”, “aparecer” e “surgir”

19

Esta seção se organiza em dois grandes blocos: enquanto a primeira parte focaliza as afinidades semânticas entre os três verbos em pauta, a segunda procura iluminar as diferenças entre eles.

Começamos notando que, em alguns usos, os verbos “chegar”, “aparecer” e “surgir” podem parecer sinônimos. Vejamos:

(13) Meu pai chegou / apareceu / surgiu lá em casa de surpresa.

Como se vê, as três sentenças acima podem ser usadas para expressar uma mesma situação objetiva. Informalmente, o evento relatado em (13) pode ser capturado nos seguintes termos: *um elemento (“Meu pai”) passa a estar presente em um determinado espaço (“lá em casa”)*. Essa formulação informal sugere que pelo menos dois elementos conceituais são evocados pelos três verbos em pauta: uma entidade (representada pelo sujeito sintático) que se encontra situada em um determinado espaço, e o próprio espaço (representado pelo argumento oblíquo) onde a entidade se encontra. Aqui, esses elementos serão referidos, respectivamente, como Entidade Locada⁸ (EL) e Locativo (LOC). Diagramaticamente, o escopo da predição dos verbos em pauta, tal como delineado até aqui, pode ser representado da seguinte maneira:

⁸ Moreira (2000) usa o termo “objeto locado” para expressar um conceito semelhante. Alguns leitores talvez estranhem a opção por não adotar o termo mais tradicional *tema*. Isso acontece por duas razões, uma mais geral e outra específica à GC. De maneira geral, a inadequação da noção de tema, visto como uma papel temático excessivamente amplo, tem sido reconhecida na literatura (ver, por exemplo, Cançado (1996)). No que diz respeito à GC, a ideia é a de que os elementos conceituais (assim como as relações gramaticais) devem ser definidos *relativamente às construções em que eles ocorrem* (CROFT, 2001; 2013; GOLDBERG,



Figura 1: representação preliminar da predicação de “chegar”, “aparecer” e “surgir”

A figura acima parece captar de maneira satisfatória as afinidades semânticas entre “chegar”, “aparecer” e “surgir”⁹. No entanto, as diferenças distribucionais discutidas na seção 2 sugerem que esta não pode ser toda a história: se os verbos não podem se compatibilizar com o mesmo subconjunto de construções, deve ser possível, ao menos em princípio, explicar esse fato a partir de alguma diferença semântica entre eles.

Para desenvolver esse ponto, dividimos nossa exposição, por conveniência didática, em duas partes: inicialmente, abordamos as diferenças entre “chegar”, de um lado, e “aparecer” e “surgir”, de outro; na sequência, distinguimos os quase-sinônimos “aparecer” e “surgir”.

A fim de isolar semanticamente o verbo “chegar”, começamos notando que um dos mecanismos que permitem ao falante construir conceptualizações alternativas de um mesmo cenário envolve a dimensão semântica de proeminência (LANGACKER, 2009), que diz respeito à possibilidade de escolher quais porções da cena serão focalizadas (ou *perfiladas*, na terminologia langackeriana) e quais se manterão pressupostas, atuando tão-somente como *background* conceptual. Neste momento, então, passamos a discutir o grau de proeminência conceptual dos elementos conceptuais evocados por “chegar”, “aparecer” e “surgir”.

Na trilha de Goldberg (2005; 2006), assumimos que os elementos perfilados (do ponto de vista conceptual) são aqueles que se apresentam como argumentos obrigatórios (do ponto de vista sintático). Sob essa ótica, parece claro que a EL tem *status* de elemento perfilado para os três verbos, na medida em que ela se realiza, em todos os casos, como o sujeito sintático.

Menos claro, contudo, é o caso do LOC. Aqui, defenderemos que apenas “chegar” perfila esse elemento – “aparecer” e “surgir” o tratam como elemento pressuposto. Para verificar esse ponto, considerem-se os exemplos abaixo, já mencionados:

- (14) a. A Internet apareceu na década de 70.
 b. A Internet surgiu na década de 70.
 c. A Internet chegou na década de 70.

Embora os três verbos sejam possíveis no contexto de (14), eles parecem produzir diferenças sutis, mas significativas, na interpretação da sentença. Em particular, (14a) e (14b) sugerem que a Internet foi *criada* nos anos 70, de maneira que, até então, ela não poderia ser

2006). O resultado é que (i) não se aceita a existência de uma lista apriorística de papéis temáticos e (ii) os papéis temáticos que vierem a ser reconhecidos serão necessariamente “mais específicos e mais numerosos que os papéis temáticos tradicionais” (GOLDBERG 2006, p. 39). A noção de *Entidade Locada* é certamente mais específica que o *tema* tradicional.

⁹ Naturalmente, essa representação não permite distinguir entre “chegar em casa” e, por exemplo, “estar em casa”. Certamente, esta é uma distinção relevante, já que apenas o primeiro exemplo evoca uma situação dinâmica, marcando *início* de um *novo* estado (o segundo predica somente o estado propriamente dito). No entanto, como mostra (11a), esta não é uma propriedade comum aos três verbos analisados, razão pela qual não está incluída na representação da figura 1.

encontrada em lugar algum. Em (14c), por outro lado, a interpretação mais natural é a de que a Internet já existia em outro lugar e passou a estar presente em um novo espaço (que não é referido explicitamente) a partir da década de 70. Em outras palavras, estamos sugerindo que a interpretação locativa é genérica em (14a) e (14b) e específica em (14c).

Se estiver correta, essa análise implica que uma sentença como (14c) só será pragmaticamente bem-sucedida em um contexto no qual seja possível recuperar a referência a um local específico. Isso pode ocorrer em, pelo menos, dois casos: quando o referente está disponível textualmente (e ocorre então uma recuperação anafórica) e quando o referente está disponível contextualmente (e ocorre então uma recuperação dêitica). Assim, se alguém pergunta “Você está na reunião?” e o ouvinte responde “Estou, e o João já chegou \emptyset também”, estamos diante do fenômeno conhecido como *anáfora zero*. Por outro lado, se o falante entra em uma reunião e se espanta com a presença de um colega que costuma se atrasar, ele pode exclamar algo como “Você já chegou!”. Nesse caso, o locativo específico é recuperado por meio do acesso a um referente contextual (dêixis), e não mais textual (anáfora). Nossa proposta, portanto, é a de que (14c) deverá envolver a recuperação dêitica ou anafórica de um locativo específico, ao contrário do que ocorre em (14a) e (14b).

É interessante contrastar esses exemplos com usos como os seguintes:

(15) A Maria sempre chega nas piores horas.

O exemplo (15) evidencia que o locativo de “chegar” também pode ser genérico: aqui, por exemplo, a leitura é a de que “onde quer que Maria chegue, ela estará chegando em um momento inapropriado”. Diferentemente de (14c), no entanto, a sentença (15) instancia, simultaneamente à CL, uma Construção de Desperfilamento (GOLDBERG, 2006)¹⁰. Para a autora, essa construção estabelece uma relação simbólica entre a ausência de um constituinte e a semântica de ênfase sobre a ação verbal – com a palavra “ênfase” sendo entendida como termo guarda-chuva que recobre um leque de cinco valores semânticos distintos¹¹. Um desses valores, ilustrado por sentenças do tipo “The tiger killed again” (GOLDBERG, 2006, p. 189), é o de “ação repetida”, precisamente o que se verifica em (15)¹².

É o cotejo entre os exemplos de (14) e (15) que permite entrever uma diferença relevante entre os três verbos aqui analisados: enquanto “aparecer” e “surgir” *não* requerem a presença uma Construção de Desperfilamento (CD) para exibir um locativo genérico (como mostra (14)), “chegar” só apresenta locativo genérico quando a CEA é combinada a uma CD (como mostra (15)). Em outras palavras, a genericidade do locativo é a situação *default* para “aparecer” e para “surgir”, mas não para “chegar”.

A consequência imediata dessa análise para a descrição da semântica verbal é a de que apenas para “chegar” o LOC só deve ser tratado como elemento perfilado. Isso ocorre porque, como mostram os exemplos (14) e (15), o LOC de “chegar” só pode ser desperfilado em condições específicas de baixa proeminência – que, de resto, podem desperfilar inclusive elementos claramente proeminentes, como objetos sintáticos (GOLDBERG, 2005; 2006). O

¹⁰ É preciso esclarecer que essa situação está longe de ser excepcional: assume-se como regra em GC que sentenças concretas resultam da combinação entre diferentes construções abstratas (além das próprias palavras).

¹¹ Para maiores detalhes, ver Goldberg (2006, cap. 9).

¹² Um parecerista anônimo observou que, em (15), a interpretação de *ação repetida* pode advir da interação entre o advérbio “sempre” e a construção sintática – uma observação com a qual concordamos inteiramente e que se aplica, inclusive, ao exemplo do inglês, no que se refere ao item “again”.

mesmo não é verdade para “aparecer” e “surgir”, que podem exibir locativo foneticamente nulo não-perfilado mesmo na ausência de uma CD, como se vê na discussão de (14).

Essa análise evidencia, portanto, uma primeira diferença semântica entre “aparecer” e “surgir”, de um lado, e “chegar”, de outro. A saber: embora os três verbos contem com um LOC em sua predicação, apenas no último caso esse LOC figura como elemento perfilado. Nos termos da notação de Goldberg (1995; 2005; 2006), representamos essa distinção da seguinte forma:

(16) chegar	<	EL	LOC	>
aparecer	<	EL	LOC	>
surgir	<	EL	LOC	>

A marcação em negrito indica um primeiro corte entre os três verbos aqui analisados: enquanto “aparecer” e “surgir” perfilam apenas a EL, “chegar” perfila ambos os argumentos.

Se esta fosse toda a história, contudo, deveríamos concluir que tal particularização se dá unicamente no nível-S: nesse caso, sustentariamos que os três verbos predicariam a mesma cena objetiva, mas que “chegar” perfilaria porções distintas dessa cena. Nesta seção, contudo, argumentamos que também é possível encontrar diferenças semânticas relativas ao nível-O, isto é, à situação objetivamente predicada por “chegar”, em oposição aos demais verbos.

Especificamente, defenderemos que, no que tange ao nível-O, o verbo “chegar” se distingue de “aparecer” e “surgir” de duas maneiras: por um lado, ele inclui em seu escopo de predicação um elemento adicional, a que iremos chamar de Percurso; por outro lado, ele *não* inclui em seu escopo de predicação o elemento conceptual Observador, que se faz presente, contudo, na predicação de “aparecer” e de “surgir”.

22

Começamos pelo primeiro ponto. Sustentamos que “chegar” necessariamente franqueia a visualização de um caminho percorrido pelo referente do seu sujeito, com vistas a um fim pré-definido. A esse elemento conceptual, iremos nos referir como Percurso. Em termos práticos, isso significa que esse verbo só será aceitável nos casos em que for possível construir o referente do sujeito como uma entidade que conclui o deslocamento ao longo de um trajeto, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (17) a. Apareceu uma nota de 50 reais no meu bolso!
b. Surgiu uma nota de 50 reais no meu bolso!
c. *Chegou uma nota de 50 reais no meu bolso!

Na situação relatada em (17), não é plausível a suposição de que a “nota de 50 reais” tenha passado a ocupar o LOC (o “meu bolso”) como resultado esperado de um processo de deslocamento. Como o verbo “chegar” evoca precisamente essa conceptualização, a sentença (17c) parece mal-formada. Isso é confirmado pelo seguinte contraste:

- (18) a. Chegou carta para você.
b. *Chegou uma nota de 50 reais no meu bolso.

Enquanto o aparecimento da “carta”, em (18a), é uma decorrência do fato de ela ter concluído uma travessia determinada, o mesmo não pode ser dito em relação ao aparecimento da “nota de 50 reais” no meu bolso. Naturalmente, para que a nota esteja no bolso, é necessário que ela tenha em algum momento sido deslocada até lá. No entanto, seu

aparecimento não é o resultado (isto é, o ponto final) desse deslocamento. É por essa razão que esse aparecimento não pode ser construído como um evento de “chegada”.

Interessante, porém, é notar que o verbo “chegar” não perfila o Percurso, na medida em que ele não é linguisticamente realizado. Em vez disso, sua existência deve ser *inferida* a partir da impossibilidade de usos como (18b): é esse tipo de dado negativo que fornece evidências de que o emprego adequado de “chegar” *pressupõe* uma travessia.

Em suma, temos até aqui a seguinte situação. Os três verbos investigados incluem dois elementos comuns em seu escopo de predicação: a EL e o LOC. Apesar disso, “chegar” se distingue por exibir ainda um elemento adicional: o Percurso. É digno de nota, porém, o fato de que esse elemento não é perfilado, e sim conceptualmente pressuposto.

O mesmo pode ser dito de um elemento conceptual que participa da predicação de “aparecer” e “surgir” (mas não de “chegar”): o Observador. Aqui, definimos o Observador como um sujeito cognoscente que *testemunha diretamente* o aparecimento da EL no seu campo perceptual. Em outras palavras, o Observador corresponde a um indivíduo em cujo horizonte de consciência a EL passa a estar presente. A postulação desse papel conceptual busca capturar o fato de que um evento de aparecimento/surgimento só se qualifica como tal quando é presenciado por outrem – sob pena de não haver aparecimento/surgimento algum. Dito de outra maneira, quem aparece/surge obrigatoriamente aparece/surge para alguém, ou diante de alguém (ao mesmo tempo em que nada na semântica de “chegar” aponta para essa exigência). Os exemplos abaixo ajudam a evidenciar esse ponto:

- (19) a. Depois de um longo dia de trabalho, o João chegou em casa.
- b. ? Depois de um longo dia de trabalho, o João apareceu em casa.
- c. ?? Depois de um longo dia de trabalho, o João surgiu em casa.
- d. Depois de um longo dia de trabalho, o João chegou / apareceu / surgiu na casa da namorada.

23

As sentenças (19a) a (19c) descrevem uma situação na qual o indivíduo chega à sua própria casa depois de um dia de trabalho. Nesse caso, não é imediatamente evidente que esse evento será presenciado por alguém – com efeito, é bastante plausível a interpretação de que a EL (isto é, “João”) tenha chegado a uma casa vazia. Em (19d), no entanto, o acréscimo da sequência “da namorada” altera a plausibilidade relativa dessa interpretação: aqui, relativamente aos exemplos anteriores, é mais natural a leitura de que o evento descrito tenha sido presenciado por alguém. Em outras palavras, temos que, em (19d), a conceptualização de um Observador é mais imediata que em (19a) a (19c).

Nesse sentido, o fato de que o co-texto de (19a) a (19c) favorece o uso de “chegar” (em detrimento de “aparecer” e “surgir”), ao passo que o co-texto de (19d) licencia igualmente os três verbos, funciona como evidência para a hipótese de que apenas “aparecer” e “chegar” incluem um Observador em sua predicação. Em outras palavras, a naturalidade relativa dos exemplos acima fornece argumentos em favor da proposta desenvolvida até aqui.

Por outro lado, é instrutivo observar que a situação descrita em (19a) a (19c) não é *incompatível* com um cenário no qual a chegada do EL é testemunhada por terceiros – esse cenário apenas é *menos autoevidente* nos primeiros três exemplos do que no último. Diante disso, é de se esperar que as sentenças (19b) e (19c), embora menos naturais que (19a), não sejam francamente inaceitáveis – uma expectativa que os julgamentos acima parecem

confirmar. Nesse sentido, nossa hipótese dá conta tanto da maior naturalidade de (19a) quanto da possibilidade, ainda que relativamente menor, de (19b) e (19c)¹³.

Dessa maneira, postulamos a existência do elemento conceptual Observador na predicação de “aparecer” e “surgir”. Neste momento, porém, cabe acrescentar um dado adicional: para ambos os verbos, o Observador conta como elemento não-perfilado. Para demonstrar esse ponto, recorreremos à mesma estratégia utilizada para estabelecer o não-perfilamento do LOC naqueles mesmos verbos: mostramos que a interpretação *default* do Observador é inespecífica. Isso pode ser atestado pelos exemplos reais abaixo¹⁴:

- (20) C: o irmão maior era filho da puta (+) e aí ele pega e larga ela (+) e aí ele/ ele/
aparece ele criança vendendo’ roubando comida no trem’ viviam em cima
do trem (*Corpus BBB 10*)
- (21) você é obrigado a tudo... você não tem direito a nada e você só tem direito a ser
um cidadão se tiver é:: se você tiver saúde... tiver uma educação e tiver
segurança... **aí surge aquela pergunta...** então aquelas pessoas que... como do
sertão... elas não têm direito a saúde... a educação?... são o quê? são gentes? são
brasileiros? ou são só indivíduos? (*Corpus D&G – parte oral*)

Em ambos os exemplos, o Observador tem interpretação indeterminada: em (20), ele corresponde a qualquer espectador potencial do filme; em (21), trata-se de qualquer cidadão que, a certa altura, tendo tomado consciência das disparidades sociais no Brasil, sente-se tomado por uma “pergunta” (isto é, um questionamento ou sentimento de indignação). Importante é notar que nenhum dos exemplos manifesta os valores semânticos associados à CD (conforme exposto na seção 3.2.2.1). Isso significa que a leitura genérica para o Observador é a interpretação *default* nos dois exemplos – o que nos autoriza a concluir que se trata de um elemento conceptual não-perfilado na predicação de “aparecer” e de “surgir”.

A análise desenvolvida nesta seção permite enriquecer sensivelmente a descrição proposta até aqui. Para mantermos a representação notacional de Goldberg (1995; 2006), temos agora o seguinte cenário:

(22)	chegar	<	EL	LOC	Percurso	>
	aparecer	<	EL	LOC	Observador	>
	surgir	<	EL	LOC	Observador	>

Como se vê, contudo, essa proposta não é capaz de distinguir entre os verbos “aparecer” e “surgir”. Na verdade, se a particularização de “chegar” pode parecer

¹³ Por outro lado, fica sem explicação neste momento o fato de que (19b) parece mais aceitável que (19c). Este ponto será retomado na próxima seção, destinada precisamente ao cotejo entre os verbos “aparecer” e “surgir”.

¹⁴ Como mostram as indicações entre parênteses ao final dos exemplos, eles foram extraídos, respectivamente, dos *corpora* Big Brother Brasil 10 e Discurso & Gramática. O primeiro contém cerca de 60 horas de gravações da décima edição do programa Big Brother Brasil, veiculado pela Rede Globo em 2010; o segundo inclui dados de língua falada e escrita relativos a cinco municípios brasileiros (Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói), que se dividem de acordo com cinco modalidades textuais (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião).

intuitivamente evidente, a diferenciação entre “aparecer” e “surgir” soa bem mais enigmática. Os exemplos abaixo confirmam que esses dois verbos são, de fato, bastante próximos:

- (23) a. Ele sempre aparece nas piores horas!
b. Ele sempre surge nas piores horas!
- (24) a. Apareceu um envelope em cima da minha mesa.
b. Surgiu um envelope em cima da minha mesa.

Alguns contextos, no entanto, revelam a existência de diferenças entre eles:

- (25) a. Falta aparecer o meu pai e o meu irmão.
b. ?? Falta surgir o meu pai e o meu irmão.
- (26) a. Só o meu pai apareceu na festa.
b. ?? Só meu pai surgiu na festa.

Por que apenas o verbo “aparecer” parece perfeitamente natural nos exemplos acima? Nesta seção, argumentamos que a resposta a essa pergunta está relacionada ao *ponto de vista* a partir do qual o evento narrado deve ser construído em cada caso. Nesse sentido, a pergunta que se coloca é a seguinte: quem é e onde se situa o sujeito cognoscente que conceptualiza o evento expresso pelos verbos “aparecer” e “surgir”?

Por um lado, cabe notar que a própria predicação desses verbos disponibiliza um sujeito cognoscente que funciona como *locus* potencial do ponto de vista: o Observador. Por outro lado, muitos autores têm observado que toda enunciação linguística faz referência, ainda que implícita, ao *ground* comunicativo, entendido como a situação interacional onde figuram, pelo menos, um falante e um ouvinte (LANGACKER, 1991; 2008; SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009; 2012; FERRARI; SWEETSER, 2012). Importante é observar que esse falante também se constitui como um sujeito cognoscente cuja perspectiva pode ser imposta sobre o evento comunicado (DANCYGIER, 2012). Na prática, isso significa que, ao produzir um enunciado, o falante tem à sua disposição duas possibilidades, no que concerne ao estabelecimento do ponto de vista: ele pode construir o evento sob sua própria ótica ou pode, alternativamente, transferir o ponto de vista para um Observador *in loco*¹⁵.

Para esclarecer a diferença entre os dois *construals* – com ponto de vista do falante e do Observador –, comparem-se as sentenças (24a) e (25a). A primeira delas reproduz uma *experiência perceptual* do Observador (que, neste caso, coincide com o falante¹⁶): somos apresentados a uma espécie de mini-narrativa (não-canônica) na qual um personagem constata a presença da EL (“um envelope”) no seu campo visual. A segunda, porém, não exibe o mesmo caráter narrativo: aqui, o evento de surgimento não é construído como uma

¹⁵ Naturalmente, como veremos, esses dois papéis conceptuais podem eventualmente ser desempenhados pela mesma pessoa física. Isso não anula, contudo, a diferença entre eles.

¹⁶ Note-se que essa coincidência está longe de ser obrigatória, como se vê em um uso como “O João estava andando pela rua quando, do nada, apareceu um mulher pedindo socorro”. Neste caso, o falante não se confunde com o Observador, papel conceptual aqui desempenhado pelo “João”. Observe-se, porém, que, mesmo nos casos em que os dois papéis conceptuais coincidem, como (24a), ainda assim trata-se de papéis distintos – dito de outro modo, uma mesma pessoa física desempenha o papel de contador da história (falante) e de personagem da história (Observador).

experiência perceptual vivenciada por um Observador *in loco*, mas como uma *declaração verbal* dirigida ao ouvinte pelo falante. Nos termos de Sanders, Sanders e Sweetser (2009; 2012), é possível afirmar que os “sujeitos responsáveis” (*responsible subjects*) pela construção do evento são, respectivamente, o Observador (em (24a)) e o falante (em (25a))¹⁷.

A diferença fundamental entre esses dois “sujeitos responsáveis” é o fato de que eles estão situados em centros dêiticos distintos. Em poucas palavras, o falante corresponde a um papel conceptual próprio do *ground* comunicativo – isto é, o aqui-e-agora da interação conversacional –, ao passo que o Observador está situado no espaço-tempo dos fatos narrados. Nesse sentido, o Observador é um personagem inserido na própria situação comunicada, e não um participante do *ground* comunicativo.

Uma implicação importante dessa proposta é a de que apenas o falante tem acesso ao histórico da conversação em curso: por integrar o *ground*, esse sujeito inclui, em seu modelo de mundo, o conjunto de todos os referentes ativados para os interlocutores a cada momento da interação. O Observador, por outro lado, não tem acesso ao histórico conversacional ou ao palco físico onde transcorre a interação; como consequência, seu modelo de mundo não incluirá uma série de informações compartilhadas pelos interlocutores no curso da interação.

Estabelecida essa distinção, gostaríamos de sugerir que o verbo “surgir” está inerentemente associado à perspectiva do Observador. Em outras palavras, esse verbo instrui o ouvinte a construir o evento expresso sob a ótica de um sujeito cognoscente *in loco*: um indivíduo que testemunha diretamente o aparecimento da EL em seu campo perceptual. O verbo “aparecer”, em contrapartida, é não-marcado a esse respeito – o que significa que ele é compatível com o ponto de vista tanto do Observador quanto do falante.

Note-se que essa caracterização é consistente com a pouca naturalidade de (25b) e (26b). Em relação ao primeiro caso, observe-se que (25b) não reproduz uma experiência perceptual direta. A rigor, a sentença sugere que os referentes do sujeito não estão situados no mesmo espaço em que se encontra o Observador. Por essa razão, o “sujeito responsável” pela construção do evento não pode acessá-los de modo direto, pela via perceptual. Dito de outra forma, tais referentes não são construídos como entidades diretamente observadas, mas como elementos conceptuais que pertencem ao modelo de mundo compartilhado entre os interlocutores. Ora, como já discutimos, dentre os dois sujeitos cognoscente disponíveis como *loci* do ponto de vista, apenas o falante pode acessar esse conhecimento compartilhado, razão pela qual devemos concluir que ele é o “sujeito responsável” pela construção do evento expresso em (25). Nesse sentido, o fato de que (25a) (com “aparecer”) é licenciada enquanto (25b) (com “surgir”) é mal-formada funciona como evidência em favor da análise desenvolvida até aqui.

Um raciocínio semelhante se aplica a (26b). Aqui, é o focalizador “só” que parece pouco compatível com “surgir”. Como se sabe, esse focalizador funciona como disparador de pressuposição. Especificamente, (26b) só é pragmaticamente bem-sucedido quando se assume que os interlocutores têm, correntemente ativada, uma representação do conjunto de convidados *esperados* para a festa. Dessa forma, esse enunciado é usado para informar que, dentre esses convidados, apenas um (o “meu pai”) de fato compareceu. Como já observamos, uma representação dessa natureza não pode ser atribuída ao Observador, pelas razões discutidas anteriormente: ele não tem acesso ao conjunto de informações compartilhadas entre os participantes do *ground*. O que se vê aqui, portanto, é um conflito entre a informação

¹⁷ Como notou um parecerista anônimo, essa diferença está relacionada aos contextos sintáticos distintos em que está inserido o verbo “aparecer” em cada caso: apenas em (25a) esse predicador aparece em contexto de encaixamento sintático. Isso contribui para a impossibilidade de interpretar (25a) como uma mini-narrativa – e, portanto, para a postulação de diferentes “sujeitos responsáveis”.

semântica fornecida pelo focalizador “só” e a informação semântica fornecida pelo verbo “surgir”. É essa contradição, por seu turno, que explica a baixa aceitabilidade de (26b).

Os exemplos abaixo fornecem evidências adicionais em favor dessa análise:

- (27) a. Quando a escola estiver fechando, o João vai aparecer.
b. ? Quando a escola estiver fechando, o João vai surgir.
- (28) a. O João só vai aparecer quando a escola estiver fechando.
b. ?? O João só vai surgir quando a escola estiver fechando.

Em (27), ambas as formulações parecem possíveis, com talvez uma ligeira despreferência pela alternativa com “surgir”. Em (28), contudo, essa despreferência se acentua, com (28a) se apresentando como sensivelmente mais natural que (28b). Como explicar essa assimetria entre os pares de (27) e de (28)?

Nossa explicação segue as seguintes linhas. Em (27), a anteposição da cláusula adverbial faz com que a sentença complexa possa ser interpretada como uma mini-narrativa, na qual uma situação inicial de estabilidade (personagens localizados em uma escola que está prestes a fechar) é quebrada por um evento interveniente (aparecimento/surgimento do João). Tal interpretação abre a possibilidade de que os eventos expressos sejam construídos sob o ponto de vista dos próprios personagens da narrativa – isto é, os sujeitos que, estando localizados no espaço da escola, deparam-se, a certa altura, com o aparecimento / surgimento do João. Dito de outra maneira, (27) é compatível com uma leitura na qual o ponto de vista é, por assim dizer, “terceirizado”, de maneira que as sentenças sejam interpretadas como um relato da experiência dos sujeitos cognoscentes que presenciam diretamente a chegada do João.

27

Em (28), por outro lado, essa leitura é menos natural. Aqui, a interpretação mais provável é a de que as sentenças expressam a opinião do falante sobre o momento em que o João deverá chegar (em oposição a narrarem a experiência de um sujeito cognoscente situado no local da chegada). Do ponto de vista gramatical, isso parece se dever à presença do item “só” e ao posicionamento da cláusula adverbial após a sentença matriz. O efeito do “só” decorre da sua já comentada função focalizadora, com atuação sobre a cláusula temporal: ao tomar “quando a escola estiver fechando” como domínio do foco (LAMBRECHT, 1994), o focalizador evoca o pressuposto de que “o João vai aparecer / surgir”. Isso significa que a informação expressa em (28) deve ser enquadrada *em relação* a uma informação previamente compartilhada – qual seja, a expectativa de chegada do João. Como se vê, portanto, o focalizador coloca em destaque a *negociação intersubjetiva* entre os interlocutores, tornando natural atribuir a conceptualização dos eventos descritos ao próprio falante, situado no *ground* comunicativo, e não ao Observador, situado no tempo-espaço dos eventos narrados.

Por seu turno, o efeito da ordenação das cláusulas parece estar relacionado à possibilidade de construção de uma estrutura narrativa clássica (LABOV, 1972, cap. 9). Em (27), a anteposição da cláusula adverbial permite construir um movimento de “orientação” (para usar o termo laboviano), situando a narrativa em um espaço determinado, no interior do qual é possível assumir a existência de sujeitos cognoscentes específicos (isto é, personagens da narrativa). Em outras palavras, as sentenças em (27) disponibilizam, por meio da sequência adverbial, um Observador, que figura como candidato a *locus* do ponto de vista para construção do evento narrado. Em (28), por outro lado, tal sequência está ausente, de maneira que as sentenças *não* disponibilizam explicitamente um candidato a Observador. Com isso, torna-se menos provável – ou menos natural – que o evento narrado seja interpretado sob a

ótica de um sujeito cognoscente *in loco*. Ora, se de fato o verbo “surgir” está atrelado à perspectiva do Observador, não causa surpresa que (27b) pareça menos natural que (28b).

Note-se, no entanto, que isso é uma questão de grau: não estamos defendendo que (28b) seja *decididamente impossível*. Na verdade, a aceitabilidade de (28b) depende de um esforço ativo do ouvinte / leitor no sentido de acomodar o ponto de vista do Observador mesmo em uma sentença que não aponte explicitamente para essa interpretação. O que estamos propondo, portanto, é que uma sentença com “surgir” será *tão mais natural* quanto mais os elementos linguísticos presentes na sentença contribuírem para essa acomodação, favorecendo a construção dos eventos expressos segundo a perspectiva do Observador. O contraste entre os exemplos abaixo parece corroborar esse ponto:

- (29) a. ?? O João só vai surgir quando a escola estiver fechando.
b. ? Quando a escola estiver fechando, o João vai surgir.
c. Quando a gente nem estiver mais pensando no João, ele vai surgir.

Os exemplos acima estão organizados em ordem crescente de aceitabilidade, com (29c) se apresentando como o mais natural. Qual a diferença entre (29c) e (29b), já discutido acima como (27b)? Fundamentalmente, (29c) disponibiliza explicitamente um Observador, que em (29b) está apenas implícito. Mais do que isso, a cláusula adverbial estabelece o Observador (“a gente”) como tópico discursivo e procede a uma apresentação de seus estados mentais (“não estiver mais pensando nele”). Esse co-texto discursivo parece favorecer a interpretação de (29c) como um relato da *experiência perceptual* do Observador, que a certa altura se depara com a EL (“ele”, isto é, João). Dito de outro modo, o co-texto discursivo favorece a conceptualização dos eventos narrados sob o ponto de vista do Observador – precisamente o requisito conceptual que defendemos estar associado à semântica de “surgir”.

28

Note-se que esse favorecimento pode ser motivado por diferentes pistas linguísticas. Por exemplo, a inserção do conector “aí” e do sintagma “do nada” em (29b) – repetido abaixo como (30a) – já é suficiente para tornar essa sentença mais natural que o exemplo original:

- (30) a. ? Quando a escola estiver fechando, o João vai surgir
b. Aí, do nada, quando a escola estiver fechando, o João vai surgir.

Note-se que os elementos acrescentados em (30b) cumprem função análoga à da cláusula adverbial em (29c); em particular, a sequência “do nada” evoca a conceptualização do estado mental de pelo menos um Observador. Nesse sentido, a disponibilidade de um Observador é maior em (30b) do que em (30a). Nesse sentido, a julgar pela proposta desenvolvida, é apenas esperado que (30b) seja mais aceitável que (30a).

Em resumo, defendemos que uma diferença crucial entre os frames de “aparecer” e “surgir” diz respeito à dimensão da perspectiva: enquanto “surgir” especifica o ponto de vista do Observador (isto é, um sujeito cognoscente situado *in loco*, que presencia diretamente o evento de surgimento), “aparecer” é não-marcado a esse respeito. Nos termos da notação de Goldberg (1995; 2006), propomos representar essa situação da seguinte maneira¹⁸:

¹⁸ Vale lembrar que o modelo goldbergiano não inclui a dimensão da perspectiva – e, portanto, naturalmente, não desenvolveu nenhuma forma de representar essa dimensão. Por isso, o que propomos aqui é uma adaptação do tipo de notação encontrado em Goldberg (1995; 2006).

(31)	chegar	<	EL	LOC	Percurso	>
	aparecer	<	EL	LOC	Observador	>
	surgir	<	EL	LOC	<u>Observador</u>	>

Como se pode ver, em suma, propomos que os três verbos aqui investigados contam com dois elementos comuns em seu escopo de predicação: EL e LOC. Apesar disso, uma primeira diferença entre eles é o fato de que apenas “chegar” perfila ambos os elementos; nos casos de “aparecer” e “surgir”, apenas EL é perfilado. Além disso, “chegar” se particulariza por ser o único verbo a incluir em seu frame um Percurso e a não incluir um Observador. Nesse sentido, como se vê, “aparecer” e “surgir” se mostram bastante mais próximos entre si do que em relação a “chegar”: afinal, eles incluem os mesmos três elementos (EL, LOC e Observador) e perfilam o mesmo único elemento (EL). Apesar disso, existe entre eles uma diferença relevante relacionada à dimensão da perspectiva: conforme indicado pela linha sublinhada em (31), “surgir” especifica o ponto de vista do Observador, ao passo que “aparecer” não especifica nenhum ponto de vista obrigatório.

Ao longo do artigo, conforme comentado mais acima, não apresentamos uma representação imagética das diferenças parciais entre os três verbos em função de limitações de espaço. Neste momento, porém, com todos os elementos descritivos já mapeados, passamos a esse tipo de representação:

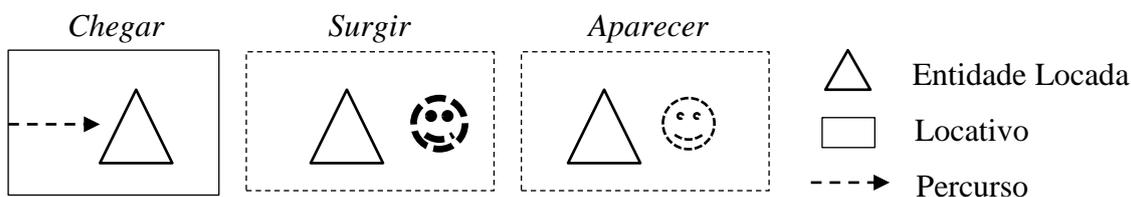


Figura 2: representação do escopo da predicação de “chegar”

Os diagramas sintetizam a proposta desenvolvida ao longo desta seção. Como se vê, os três verbos analisados incluem EL e LOC em sua predicação, mas o verbo “chegar” é o único a perfilar ambos os elementos – o que é indicado pela linha cheia. Além disso, no que respeita ao nível-O, observa-se que o elemento conceptual Percurso só figura na predicação de “chegar”, ao passo que o Observador é específico a “aparecer” e “surgir”; ambos os elementos, contudo, mantêm-se conceptualmente pressupostos, como indicam as linhas pontilhadas. Note-se ainda que o Observador de “surgir” está representado com uma linha mais espessa que o Observador de “aparecer” – uma forma de indicar visualmente que no primeiro caso, mas não no segundo, ele se constitui como *locus* do ponto de vista.

Da semântica lexical para a Gramática de Construções

Na segunda seção, notamos que os verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar” se distribuem desigualmente em relação a três construções de estrutura argumental – a CL, a CE e a CCA –, a despeito da proximidade semântica entre eles (e, em particular, entre “aparecer” e “surgir”). Hipotetizamos, então, que essa diferença poderia ser esclarecida a partir de uma

investigação sistemática da semântica de cada predicador. Cumprida essa tarefa, devemos agora efetuar a passagem da semântica lexical (a análise do significado verbal) para a Gramática de Construções (a observação da semântica inerente dos padrões argumentais). Neste momento, a pergunta que se coloca é a seguinte: quais são as propriedades semânticas identificadas na seção anterior que explicam as limitações distribucionais de cada verbo?

Como sintetizado no quadro 1, as restrições que devem ser explicadas são a impossibilidade de instanciação de “chegar” tanto na CE quanto na CCA, e a impossibilidade de instanciação de “surgir” na CCA. Os exemplos abaixo ilustram essa situação:

- (32) a. A Internet apareceu na década de 70.
b. A Internet surgiu na década de 70.
c. *A Internet chegou na década de 70¹⁹.
- (33) a. A sua tatuagem está aparecendo.
b. *A sua tatuagem está surgindo.
c. *A sua tatuagem está chegando.

Começamos por (32), que ilustra a incompatibilidade entre “chegar” e a CE. Neste ponto, gostaríamos de argumentar que essa incompatibilidade reside no grau de proeminência do LOC: enquanto “chegar” apresenta LOC perfilado, conforme procuramos demonstrar em 3.2.2.1, a CE exibe um LOC conceptualmente pressuposto (isto é, não-perfilado).

O argumento acerca do não-perfilamento do LOC da CE se compõe de duas etapas. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que, para Langacker, a CE se caracteriza por apresentar “especificação locativa generalizada [...] maximamente esquemática” (LANGACKER, 2009, p. 98). Em outras palavras, a CE não restringe o “domínio de busca” (*search domain*) do referente do sujeito: em uma sentença como *Unicórnios existem*, sabe-se que os unicórnios podem ser encontrados *em algum lugar*, mas não há qualquer informação sobre a região mais específica onde eles devem ser procurados (LANGACKER, 2009). Em segundo lugar, é preciso observar, na esteira de Goldberg (2006, cap. 9), a existência de uma relação entre genericidade semântica e proeminência discursivo-conceptual: a ideia aqui é a de que argumentos genéricos são menos informativos do ponto de vista pragmático e, paralelamente, menos salientes do ponto de vista conceptual. A conclusão desse raciocínio é autoevidente: se a CE se caracteriza por exibir um LOC genérico (ou “maximamente esquemático”), decorre daí que ele será pouco proeminente (ou não-perfilado) do ponto de vista conceptual.

Dada essa análise, uma representação plausível da semântica da CE é a seguinte:

- (34) CE < EL LOC >

Como se vê, essa representação permite uma compatibilização sem sobressaltos entre a CE e os verbos “aparecer” e “surgir”: a EL perfilada dos verbos se funde à EL perfilada da construção, o LOC pressuposto dos verbos se funde ao LOC pressuposto da construção e, por fim, os verbos adicionam um terceiro argumento não-perfilado, a saber, o Observador. Ao mesmo tempo, essa representação permite explicar a incompatibilidade entre “chegar” e a CE:

¹⁹ Conforme já observado na seção 2, lembramos que este exemplo é mal-formado *em relação à interpretação existencial*. Esse ponto é discutido na sequência desta seção.

dado que um LOC não pode ser simultaneamente perfilado e não-perfilado, o verbo “chegar” será simplesmente rejeitado nessa CEA.

Note-se, no entanto, que (32c) não é uma sentença impossível: ela é mal-formada apenas *em relação à interpretação existencial*. Isso ocorre devido à disponibilidade de outras CEAs que (i) assim como a CE, exibem um LOC em sua predicação e (ii) diferentemente da CE, perfilam o LOC incluído em sua predicação. Em particular, temos em mente a Construção de Movimento (CM, equivalente à construção de movimento intransitivo de Goldberg (1995)) e a própria CL. A primeira licencia sentenças como “O João foi à praia”, enquanto a segunda subjaz a sentenças do tipo “O Zé está na cozinha”. A disponibilidade dessas duas construções torna (32c) interpretável, mas exige uma leitura não-existencial (especificamente, uma leitura direcional ou locativa). Por isso mesmo, a sentença (32c) não equivale a “a Internet foi inventada na década de 70”, e sim a “A Internet passou a estar presente em uma nova região geográfica na década de 70”.

Uma implicação interessante dessa análise é a de que a semelhança entre (32a) e (32b) (de um lado) e (32c) (de outro) é apenas superficial. Nos dois primeiros exemplos, os verbos “aparecer” e “surgir” são instanciados em uma construção monoargumental, que conta com apenas um elemento conceptual perfilado (a EL) e, conseqüentemente, com um único argumento sintático obrigatório (o sujeito). No terceiro exemplo, em contrapartida, o verbo “chegar” é instanciado em uma construção biargumental, que conta dois elementos conceptuais perfilados (o EL ou Agente e o LOC ou Destino – a depender da CEA postulada) e, conseqüentemente, com dois argumentos sintáticos obrigatórios (o sujeito e o oblíquo). Como conseqüência, assume-se que somente em (32c) ocorre elipse do oblíquo.

Como se vê, portanto, a descrição sistemática da semântica de “chegar”, levada a cabo na seção anterior, permitiu, neste momento, explicar por que (32c) é mal-formada em relação à interpretação existencial, ao mesmo tempo em que é bem-formada para interpretação locativa e direcional. A chave da resposta, conforme procuramos mostrar, reside no grau de proeminência do LOC: o perfilamento desse elemento conceptual na predicação de “chegar” torna esse verbo incompatível com a CE, mas compatível com a CL e com a CM.

Passemos agora para (33). Aqui, é preciso explicar a impossibilidade dos verbos “chegar” e “surgir” na CCA. Para discutir o caso de “chegar”, é importante lembrar, de imediato, a diferença entre (35a) e (12), repetido abaixo como (35b):

- (35) a. O seu olho roxo está aparecendo.
- b. A verdade está aparecendo.

Como argumentamos na seção 2, as duas sentenças, embora superficialmente semelhantes, são manifestações de CEAs distintas: enquanto a primeira concretiza a CCA, inerentemente estativa, a segunda é uma instância do que chamamos de Construção Perifrástica Processual (CPP). Para atestar a diferença semântica entre elas, note-se que apenas em (35a) “aparecendo” designa um estado final resultante (o estado de visibilidade); o que (35b) designa, em contrapartida, é o *processo* de aparecimento, e não seu resultado.

Em outras palavras, o exemplo (35a) indica que a forma “aparecendo” pode se acomodar à CCA, passando a indicar o resultado de um processo (e não mais o processo em si mesmo). Por que, então, o mesmo não pode ocorrer com o verbo “chegar”? Mais uma vez, argumentamos que a resposta reside nas especificidades semânticas do predicador – em particular, neste caso, o fato de que “chegar” (mas não “aparecer”) evoca necessariamente a visualização de um Percurso. Nossa proposta é a de que a presença do elemento Percurso na predicação de “chegar” torna esse verbo perfeitamente compatível com a CPP (inerentemente

dinâmica), ao mesmo tempo em que torna semanticamente anômala a sua instanciação na CCA. É isso que explica por que, entre as sentenças abaixo, apenas (36a) é ambígua:

- (36) a. A sua tatuagem está aparecendo.
- b. A sua tatuagem está chegando.

Embora a interpretação mais imediata de (36a) seja a de que “a tatuagem está visível”, não é impossível conceber um contexto no qual a sentença exiba interpretação processual – por exemplo, num caso em que uma tatuagem invisível seja ativada pela aplicação de algum produto químico sobre a pele, levando ao aparecimento progressivo de uma imagem visível. Essa dupla possibilidade de interpretação é coerente com o fato de que “aparecer” é compatível com ambas as construções mencionadas aqui: a CCA e a CPP

Por outro lado, (36b) não pode significar “a sua tatuagem está visível”; a única interpretação disponível é a de que uma tatuagem está a caminho (talvez uma referência metonímica ao tatuador). A eliminação da ambiguidade em (36b) é evidência de que “chegar” só é compatível com a leitura processual. Por esse motivo, há boas razões para supor que o caráter inerentemente dinâmico desse verbo, capturado pelo elemento Percurso, está na base da explicação sobre seu não-licenciamento na CCA.

Por fim, passamos para o problema do não-licenciamento de “surgir” na CCA, conforme (33b). Este é provavelmente o caso mais complexo dentre as restrições distribucionais de que tratamos aqui – o que não surpreende, dado que, conforme indicado pela figura 2, a distância semântica entre “aparecer” e “surgir” é sensivelmente menor do que a distância entre esses dois verbos e “chegar”.

Neste ponto, portanto, devemos responder à seguinte pergunta: qual é a propriedade da CCA que a torna incompatível com “surgir”? Aqui, sugerimos que se trata da *exigência de acessibilidade do referente do sujeito*. Autores como Perlmutter (1970) e Lambrecht (1994) já observaram que sentenças predicativas com sujeito inteiramente não-identificável, do tipo **A boy is tall*, são francamente inaceitáveis. Lambrecht (1994) atribui essa inaceitabilidade a um princípio pragmático de informatividade: a ideia é a de que “é difícil imaginar um contexto no qual seja informativo predicar a altura de um referente de sujeito não-identificado” (LAMBRECHT, 1994, p. 167). Há boas razões para crer, portanto, que a CCA do inglês exige que o referente do seu sujeito seja pragmaticamente identificável ou recuperável²⁰.

Aqui, sugerimos que a CCA do português brasileiro manifesta o mesmo tipo de restrição pragmática, que torna inaceitáveis sentenças do tipo **Um garoto é alto*²¹. Ao descrever a CCA do PB, portanto, será necessário incluir uma informação sobre esse requisito de pragmático de informatividade, que diz respeito à acessibilidade do referente do sujeito.

Mas qual é a relação entre essa exigência e a semântica do verbo “surgir”? Aqui, é importante lembrar que a diferença crucial entre “aparecer” e “surgir” está ligada à dimensão da perspectiva: enquanto o primeiro é não-marcado quanto ao ponto de vista (admitindo tanto a perspectiva do falante quanto a do Observador), o segundo exige que a cena comunicada seja construída sob a ótica do Observador. Neste ponto, gostaríamos de sugerir que a CCA evoca, em contrapartida, a perspectiva do falante.

²⁰ Note-se que essa restrição não constitui um princípio pragmático geral, extensível a qualquer construção da língua, dada a possibilidade de usos como “...and then a boy came in...” (LAMBRECHT, 1994, p. 168).

²¹ A rigor, é possível que a restrição seja ainda mais severa no português do que no inglês, dado que usos como *A boy in my class is real tall* (LAMBRECHT, 1994, p. 167) parece mais aceitável do que *?Um garoto da minha sala é muito alto*. A comparação entre as duas línguas está, no entanto, além dos limites deste trabalho.

Para sustentar essa hipótese, argumentamos que a exigência imposta pela CCA quanto à acessibilidade do referente do sujeito implica, do ponto de vista conceptual, o estabelecimento do ponto de vista no *ground* comunicativo – ou, em outros termos, a especificação do falante (e não do Observador) como “sujeito responsável” pela conceptualização. Isso acontece porque, como discutido na seção anterior, o Observador é um sujeito cognoscente que se situa no espaço-tempo do evento comunicado e vivencia, assim, uma experiência de percepção direta. Por essa razão, sua perspectiva é limitada e interna aos fatos: o Observador só tem acesso ao referente da EL no momento em que esta adentra o local onde ele está situado. Na prática, isso significa que, sob a ótica do Observador, o referente da EL só passa a existir a partir do momento em que se faz presente no seu campo perceptual.

A situação é diferente, contudo, quando se trata do falante: por se situar no *ground* comunicativo, ele tem acesso ao histórico da interação em curso e pode, por isso, contar com uma representação do conjunto de referentes ativados para os interlocutores a cada momento da conversação. Nesse sentido, se o referente de uma EL é construído como acessível para os interlocutores, como parece ser o caso do referente do sujeito da CCA, é seguro atribuir essa construção ao falante, o único sujeito cognoscente dotado do tipo de perspectiva onisciente que se faz necessário para acessar referentes externos ao centro dêitico do Observador.

Em termos práticos, observe-se que em (33a) – uma instância da CCA –, o falante atribui uma propriedade (a de estar visível) a uma EL (o referente de “sua tatuagem”) que está discursivamente acessível tanto para ele quanto para o ouvinte. Aqui, portanto, só é possível considerar que o falante (e não o Observador) é o “sujeito responsável” pela construção do enunciado. Ora, se essa propriedade discursiva de acessibilidade estiver de fato presente em todas as instâncias da CCA (como defendem Perlmutter (1970) e Lambrecht (1994)), podendo então ser atribuída ao próprio esquema sintático abstrato, decorre daí que, do ponto de vista conceptual, essa construção deverá evocar necessariamente a perspectiva do falante.

33

É precisamente aqui que reside a chave para explicar o não-licenciamento de “surgir” na CCA. Como procuramos mostrar na seção 3.2.2, esse verbo está associado, inerentemente, à conceptualização de um determinado cenário a partir do ponto de vista do Observador. Com efeito, exemplos como (25b) e (26b) sugerem que sentenças mais compatíveis com a perspectiva do falante são, no mínimo, pouco receptivas à instanciação de “surgir”. Diante desses fatos, a impossibilidade de instanciar “surgir” na CCA parece menos enigmática: ela pode ser diretamente atribuída ao conflito entre o ponto de vista definido pela construção abstrata e o ponto de vista inerente à semântica verbal.

Em suma, esta seção procurou responder à pergunta deixada em aberto ao fim da seção 2: por que os verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar”, apesar de semanticamente próximos, exibem claras divergências distribucionais? Fundamentalmente, propusemos que a resposta a essa pergunta implica o reconhecimento de diferenças semânticas às vezes sutis que podem ser identificadas na predicação de cada verbo. No caso dos verbos analisados, foi possível constatar diferenças referentes à presença ou ausência de certos elementos conceptuais, à proeminência relativa desses elementos e ao *locus* do ponto de vista relevante para a conceptualização do evento.

Considerações finais

Do ponto de vista descritivo, este artigo procurou contribuir para a solução de um quebra-cabeça gramatical: o fato de que os verbos “chegar”, “aparecer” e “surgir” apresentam padrões distribucionais notavelmente distintos, a despeito das suas afinidades semânticas. Para esclarecer esse dilema, investimos em uma descrição sistemática do significado verbal,

levada a cabo por meio dos instrumentos da semântica cognitiva langackeriana (LANGACKER, 1987; 1991; 2008; 2009).

Do ponto de vista teórico, os resultados da pesquisa reforçam o alerta de autores como Iwata (2005) e Nemoto (2005) acerca da necessidade de não negligenciar a semântica verbal. Como vimos, essa negligência decorre da mudança de foco operada pela GCC, que passa a privilegiar a investigação do significado inerente das construções gramaticais abstratas. Este artigo, ao lado de outros estudos análogos, sugere que esse movimento não deve se dar às custas de uma investigação detalhada da semântica lexical, sob pena de tornar o modelo incapaz de explicar o não-licenciamento de um amplo leque de sentenças mal-formadas.

REFERÊNCIAS

BOAS, H. C. *A constructional approach to resultatives*. Stanford: CSLI, 2003

BROCCIAS, C. Cognitive grammar. In: Hoffmann, T.; Trousdale, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013

CANÇADO, M. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. *Revista de estudos linguísticos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p.89-114, 1996.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford, Oxford University Press, 2001.

_____. Radical Construction Grammar. In: Hoffmann, T.; Trousdale, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013

DANCYGIER, B. Conclusion: multiple viewpoints, multiple spaces. In: DANCYGIER, B. SWEETSER, E. (Orgs.). *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012

FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (Orgs.) *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

_____. Constructions, lexical semantics and the correspondence principle: accounting for generalizations and subregularities in the realization of arguments. In: Erteschik-Shir, N.; Rapoport, T. (Eds.). *The syntax of aspect*. Oxford: University Press, 2005.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: University Press, 2006.

HEINE, B. *Possession: cognitive sources, forces and grammaticalization*. Cambridge: University Press, 1997.

IWATA, S. The role of verb meaning in locative alternations. In: Fried, M.; Boas, H. C. (Eds.). *Grammatical constructions: back to the roots*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2005.

_____. *Locative alternation: a lexical-constructional account*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2008.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Pennsylvania : University Press, 1972.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University Press, 1980.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of discourse referents*. Cambridge: University Press, 1994.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Vol 1. Stanford: Stanford University Press, 1987

_____. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Vol 2. Stanford: University Press, 1991.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: University Press, 2008.

_____. *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2009.

MOREIRA, C. B. *Princípio de ligação sintaxe/semântica: construções estativas*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

NEMOTO, N. Verbal polysemy and frame semantics in construction grammar: some observations on the locative alternation. In: Fried, M.; Boas, H. C. (Eds.). *Grammatical constructions: back to the roots*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2005.

PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2015.

PERLMUTTER, D. On the article in English. In: Bierwisch, M.; Heidolph, K. E. (Eds.). *Progress in linguistics*. The Hague: Mouton, 1970.

PINHEIRO, D. Sintaxe e pragmática: o caso das construções locativas do português brasileiro. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.193-206, 2006.

SANDERS, T.; SANDERS, J.; SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives. In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Orgs.). *Causal categories in discourse and cognition*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. 192

_____. Responsible subjects and discourse causality: how mental spaces and perspective help identifying subjectivity in Dutch backwards causal connectives. *Journal of pragmatics*, v. 44, p. 191-213, 2012.

VERHAGEN, A. *Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax and cognition*. Oxford: University Press, 2007.

*Recebido em 20/09/2015
Aprovado em 17/12/2015*